



## **A BIOGRAFIA, A AUTOBIOGRAFIA E O PERFIL NA REDE SOCIAL: narrativas, associações literárias e ficcionais**

Ocinei Trindade de Oliveira  
(Mestre em Cognição e Linguagem- UENF)

**Resumo:** Neste ensaio, reflete-se acerca das questões biográficas, autobiográficas presentes em narrativas utilizadas na rede social digital Facebook. As possibilidades ficcionais aparecem de modo intencional ou involuntário. Alguns usuários optam por criações textuais e intertextuais, das mais simples até às mais elaboradas (in)conscientes, para abordarem sobre temas pessoais, cotidianos ou de temas mais aprofundados como política, filosofia ou religião. Os muitos “eus” e “personas” contribuem para diálogos e construções autobiográficas em rede. Aspectos sobre os conceitos de Philippe Lejeune sobre “diário íntimo e autobiografia”, além de alguns pontos de vista de Mikhail Bakhtin quando descreve sobre o que é “biografia”, são associadas, de algum modo, às publicações biográficas e autobiográficas que integram a indústria literária, o cinema, a televisão e as redes sociais digitais.

**Palavras-chave:** Biografia, Autobiografia, Rede Social, Facebook, Transliteratura.

### **1. Introdução**

Acredita-se que cada pessoa tenha história de vida única. Os fatos que marcam a existência e a trajetória podem e são utilizados como elementos para a construção de uma biografia. No entanto nem todos os indivíduos possuem uma biografia por escrito. O conceito de biografia não se restringe apenas a uma publicação impressa. Na era dos recursos informáticos e cibernéticos, dados e informações pessoais passaram a ser conhecidos, transmitidos e compartilhados também via meios eletrônicos. Houaiss (2009) concebe o termo *biografia* das seguintes maneiras:

Biografia. 1-narração oral, escrita ou visual dos fatos particulares das várias fases da vida de uma pessoa ou personagem; 2- o suporte físico (livro, filme, texto teatral, disco óptico etc.) onde se insere uma biografia; 3-a história da vida de alguém. 4-compilação de biografias de homens célebres. 5-gênero literário cujo objeto é o relato da aventura biográfica de uma pessoa ou de uma personagem; 6-ciência relativa a essa espécie de descrição (HOUAISS, 2009, p.292).

Na descrição do dicionarista, a *narração oral* é a primeira a aparecer na lista de significados para a palavra *biografia*. Tradicional e historicamente, este dado é bastante relevante, pois, entre as primeiras narrativas conhecidas, sabe-se que se deram por meio da oralidade. A *escrita* e o *visual* surgem em seguida como formas de narração. São duas linguagens distintas identificadas em manuscritos e livros, pinturas e fotografias, por exemplo. São elementos que complementam a narrativa oral. O suporte físico pode ser livro, filme, teatro, disco óptico ou digital. Com a existência da Internet, biografias também podem



ser inseridas na rede virtual, em *websites* de qualquer natureza, entre os quais se encontram as redes sociais digitais como o Facebook.

Após a inscrição no *site* de relacionamentos, o usuário é direcionado para a seção “Sobre”. Esta deve ser preenchida com informações e detalhes pessoais. Os dados fornecidos ficam disponibilizados para o público. De acordo com o Facebook, faz-se assim o registro da biografia do membro da rede social. A seção é composta pelos seguintes itens: visão geral; trabalho e educação; informações básicas e de contato; família e relacionamentos; detalhes sobre você; acontecimentos. Pede-se também que fotos sejam destacadas pelo usuário. De acordo com os critérios do Facebook, o fornecimento desses dados é o bastante para que a *biografia* de um membro da rede possa ser acessada, lida e compartilhada por outros membros pertencentes à comunidade virtual. Como se verificou, a publicação desse determinado tipo de *biografia* é bastante simplificada, além de *fácil* de ser criada.

Bem antes da Internet, biografias serviram de referências histórica e literária. Além da *biografia* como gênero literário, há também a identificação de outro estilo próximo ou familiar: a *autobiografia*. Baseada nos conceitos da escrita íntima e do pacto autobiográfico de Philippe Lejeune, a mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense, Caroline Delgado, em sua dissertação acerca da autoficção<sup>1</sup>, em *Um sopro de vida*, obra póstuma da escritora Clarice Lispector, discorre acerca de vários conceitos sobre *autobiografia*. No capítulo em que aborda o cânone lejeuniano, ela destaca:

Até a delimitação das teorias de Philippe Lejeune, houve um percurso histórico dessa condição de escrita no que hoje se institui como autobiográfico. As primeiras aparições desse tipo de escrita são as Memórias e Confissões, terminologias que antecedem o termo autobiográfico. As *memórias* eram registros de cunho pessoal com relação ao contexto histórico, e as *confissões*, reflexões acerca de uma vida interior e espiritual com o objetivo de propagar a cultura cristã, como fez Santo Agostinho no século IV, do qual Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) tirou suas inspirações para também escrever as suas, obra de publicação póstuma. Segundo Kelley Duarte (2010), a primeira recorrência da palavra autobiografia registra-se na Alemanha, *autobiographen*, no século VXIII, em um manifesto do fundador do Romantismo Friedrich Schlegel. Em inglês, a primeira aparição é atribuída ao poeta e crítico Robert Southey em 1809. Na França, ganha definição no *Dictionnaire de l'Académie Française* em 1836 (DELGADO, 2015, p. 24)

Os gêneros *biografia* e *autobiografia* seguem despertando interesses em boa parte do público leitor nas últimas décadas, além de servir como fontes de estudos e análises por parte da crítica literária, haja vista o número de publicações realizado por editoras do Brasil e do exterior. Porém, nestes tempos velozes de Internet, como o texto biográfico, seja em versão impressa seja em versão eletrônica, poderia ser acomodado em redes sociais como o Facebook? A fragmentada escrita que aborda o *eu*, ou a que fala do *eu mesmo*, em postagens diárias ou eventuais no *site* de relacionamentos, contribuiriam para narrativas autobiográficas?

Não se pode afirmar se o gênero *diário íntimo* estudado por Lejeune se encaixaria nos mesmos moldes de uma escrita realizada por alguém em postagens de uma rede social feito o Facebook. No entanto observamos que, tanto nos antigos diários manuscritos, quanto nas páginas de um sítio eletrônico, aparecem relatos e depoimentos semelhantes. Os autores desses textos revelam um pouco da vida cotidiana, das opiniões referentes a assuntos amorosos, familiares, políticos, crises existenciais, projetos pessoais, planos de viagens, trabalho, acontecimentos relevantes e aparentemente irrelevantes: coisas da vida.

<sup>1</sup> Termo criado pelo escritor francês Serge Doubrovsky em 1977 a partir de seu romance *Fils*, uma autobiografia ficcional.



Em ambos os suportes de escrita (o diário manuscrito e a rede social digital), a datação é uma característica marcante. Poderíamos considerar a rede social digital uma evolução ou adaptação do antigo diário? Para Lejeune, o verdadeiro e autêntico diário é descontínuo, lacunar, alusivo, redundante e repetitivo, não narrativo (construído com começo, meio e fim). Tais características do diário também se apresentam em postagens feitas por usuários de redes digitais como o Facebook. Mais adiante, verificaremos algumas postagens feitas na rede social onde relatos pessoais são escritos e compartilhados com o público.

Se o diário e o Facebook apresentam alguns traços de aproximação ou alguma semelhança na intenção de realizar uma escrita pessoal, confessional e memorialística, quem sabe, talvez, haja brecha, espaço e tempo para que a rede social seja considerada como um outro canal de manifestação e realização autobiográficas, além do livro confeccionado tradicionalmente e das anotações feitas à mão. Examinemos um pouco do gênero autobiográfico do ponto de vista teórico. Para Philippe Lejeune, a palavra “autobiografia” pode ser empregada em dois sentidos. No primeiro sentido, ele se baseia na proposta de Larousse feita em 1886: “vida de um indivíduo escrita por ele próprio”. Segundo Lejeune:

Larousse contrapõe a autobiografia, que é uma espécie de confissão, às Memórias, que contam com fatos que podem ser alheios ao narrador. Mas, num sentido mais amplo, “autobiografia” pode designar também qualquer texto em que o autor *parece* expressar sua vida ou seus sentimentos, quaisquer que sejam a forma do texto e o contrato proposto por ele (LEJEUNE, 2008, p.53)

Além de Larousse, para ampliar as interpretações sobre autobiografia, Lejeune se vale ainda da referência de Vepereau explicitada em seu *Dictionnaire universel des littératures*, de 1876: “AUTOBIOGRAFIA (...)obra literária, romance, poema, tratado filosófico etc., cujo autor teve a intenção, secreta ou confessa, de contar sua vida, de expor seus pensamentos ou de expressar seus sentimentos” (LEJEUNE, 2007, p.53). Quase um século e meio depois, poderíamos acrescentar dentro do termo “etc.” do dicionário francês uma rede social digital? O Facebook seria ambiente adequado para abrigar autobiografias? Isto pode depender da intenção do autor, mas também do texto e dos rastros de textos espalhados pela rede. A todo instante, estamos inseridos em situações e descrições de vida narradas de algum modo por nós e por aqueles que nos encontram, sejam pessoas próximas ou sem grandes afinidades.

Em 19 de janeiro de 1982, morria a cantora Elis Regina. Motivo: overdose de drogas. O fato chocou o país e repercutiu em toda a imprensa nacional e estrangeira. A morte daquela que ainda é considerada a maior cantora brasileira segue provocando comoções e gerando publicações biográficas. Três anos depois de Elis ter ido a óbito, a jornalista Regina Echeverria escreveu o livro *Furacão Elis* (1985). Trata-se de uma biografia considerada livro-reportagem. Um quebra-cabeça montado em doze capítulos, da infância e adolescência em Porto Alegre à morte da cantora em São Paulo. Ao longo da carreira, a escritora habituou-se a biografar personalidades famosas como os cantores Luiz Gonzaga, Gonzaguinha, Cazuza, entre outros.

Em 2016, estreou no cinema o filme brasileiro *Elis*, dirigido por Hugo Prata, que assina o roteiro com Luiz Bolognesi e Vera Egito. No papel-título, a atriz Andreia Horta. Nas primeiras cenas do filme, a intérprete de Elis Regina aparece cantando em um espetáculo o hit “Como os nossos pais”, canção composta por Belchior e lançada no álbum *Falso Brillhante*, de 1976. Encerrada a apresentação musical na abertura da película, dá-se então o início de uma sequência de fatos cronológicos que marcaram a trajetória e a ascensão da estrela da Música Popular Brasileira. A cinebiografia de Elis Regina conta sua história a



partir da chegada ao Rio de Janeiro, acompanhada do pai, Romeu Costa, em 31 de março de 1964, data que marcou o golpe militar no Brasil e a deposição do presidente João Goulart.

O filme de Hugo Prata não revela absolutamente nada da infância e da adolescência da artista gaúcha, nem registra algum dado ou aparição de sua mãe, Ercy Carvalho Costa, diferentemente do que faz Regina Echeverria no livro *Furacão Elis*. Neste livro, a jornalista optou em contar a história de Elis, a partir do depoimento de sua mãe:

Num boteco de meio quarteirão de São Paulo, bairro classe média, dona Ercy Carvalho Costa atende fregueses até às oito da noite. Há quem goste de sentar no balcão e comer o almoço de dona Ercy, famoso nas redondezas. Dona Ercy caminha a pé pra casa, a meio quarteirão dali. Mora sozinha aos sessenta e três anos desde que morreu o marido, Romeu Costa, em dezembro de 1984. Sempre que fala da filha Elis, ela chora. Mistura ódio e amor numa velocidade quase tão rápida quanto a que costumava ter sua própria filha e me diz, chorando e apertando os dentes:

- Eu não perdoo. (ECHEVERRIA, 1985, p.13)

Já no primeiro parágrafo, sabe-se que dona Ercy ficou viúva dois anos após a morte de Elis e que sua vida não gozava de tantos privilégios, pois trabalhava arduamente. Presume-se que a perda da filha, morta por causa de drogas (suicídio ou acidente?), causa-lhe tremendo dissabor e tristeza. A fala da mãe mistura sentimentos de amor e ódio. Nela, há uma confissão sobre dificuldade de perdoar a filha. A partir deste depoimento, no primeiro capítulo composto por dez páginas apenas, temos um apanhado dos momentos do casamento dos pais da cantora: a infância e a adolescência em Porto Alegre marcadas por uma educação rígida, sobretudo por parte da mãe; as primeiras apresentações na Rádio Farroupilha, no programa Clube do Guri; o desejo de se tornar artista e famosa; a saída de casa aos 19 anos de idade com o objetivo de ir morar e construir uma carreira no Rio de Janeiro.

Tanto no livro, quanto no filme, logo após as introduções das duas obras, escritora e cineasta contam a trajetória de Elis Regina obedecendo a uma similar cronologia. Por meio de ambos, ficamos conhecendo as primeiras apresentações em boates do Rio de Janeiro e São Paulo; as primeiras gravações de sucesso em discos; a estreia em um programa famoso na TV Record, o *Fino da Bossa*, ao lado do cantor Jair Rodrigues; o sucesso alcançado também fora do país; o primeiro casamento conturbado e o nascimento do primeiro filho; as primeiras experiências com drogas; problemas com o regime militar e a censura; o segundo casamento e o nascimento de outros dois filhos; os diferentes estilos musicais que marcaram seus álbuns nos dezoito anos de carreira que chegou ao fim com a morte da cantora em 1982.

No Facebook, é possível realizar algumas conexões com as pessoas que se dedicaram a contar sobre a vida de Elis Regina em algum momento da história. Vale destacar que a escritora Regina Echeverria e o cineasta Hugo Prata também possuem perfis na rede social Facebook. O mesmo acontece com *Elis, o Filme* que conta com uma página onde há registros textuais, *teasers* e trechos da cinebiografia, além de um diário de gravações, fotos do elenco e equipe técnica, comentários de fãs e da crítica especializada. A própria cantora Elis Regina aparece em uma página como artista e figura pública no Facebook, além de contar com outras dezenas de perfis criados por fãs e admiradores. Alguns destes se utilizam de imagens da cantora, conhecida também pelo temperamental e personalidade fortes, para a criação e compartilhamentos de sátiras e *memes*<sup>2</sup> nas redes digitais.

---

<sup>2</sup> A expressão “meme” de Internet é usada para descrever um conceito de imagem, vídeo e/ou relacionados ao humor, que se espalha via Internet. O termo é uma referência ao conceito de memes relacionado a uma teoria ampla de informações culturais criada por Richard Dawkins, em 1976, no seu livro *The Selfish Gene*. Fonte: Google. Disponível em < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme\\_\(Internet\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme_(Internet))>, acessado em março de 2017.



Todas as pessoas e obras mencionadas aqui em torno da biografia de Elis Regina se esbarram ou se associam de algum modo na rede social. O filme biográfico lançado em 2016 ganhou projeção e repercussão nos meios de comunicação e mídias digitais, trazendo de volta o interesse por livros e discos com repertórios da artista, valorizando não só o seu legado musical, mas também sua memória. Pode-se observar que o Facebook também contribuiu para que o filme se tornasse conhecido e assistido, assim como promoveu o interesse de leitores que se voltaram para antigas biografias sobre Elis Regina.

Um personagem biografado pode ser destacado ou tratado por seus autores com traços de herói, mesmo que este seja um anti-herói com falhas de caráter, vícios e percalços. É comum nos identificarmos com esses tipos de personalidade narrados em diários, autobiografias, novelas e romances. Em relação à figura do herói na narrativa literária, a forma espacial, além da ligação herói-autor na atividade estética, Bakhtin (1992) examina as questões em torno da *autobiografia* que, segundo ele, surgiu da confissão sob aspectos intermediários, originais e marcados por contradições internas, no fim da Idade Média (quando valores biográficos eram ignorados) e no início do Renascimento (p.164). Para Bakhtin, o diário se inspira quer na confissão, quer na biografia:

Não existe em princípio uma demarcação nítida entre a *autobiografia* e a *biografia*, e este é um ponto essencial. A distinção existe, claro, e pode até ser considerável, mas não se situa no plano de valores da orientação da consciência. Na biografia ou na autobiografia, a relação consigo mesmo – com o *eu-para-mim* – não é um elemento constitutivo e organizador da forma artística. Entendo por biografia ou autobiografia (narrativa de uma vida) uma forma tão imediata quanto possível, e que me seja transcendente, mediante a qual posso objetivar meu eu e minha vida num plano artístico. (BAKHTIN, 1992, p.165)

A análise do teórico russo é pertinente para atentarmos aos formatos dos gêneros diários manuscritos, além das obras impressas consideradas biográficas e autobiográficas de que tomamos conhecimento. Falar de si mesmo como protagonista (herói) de sua própria história pode até parecer comum para algumas pessoas em tempos de espetacularização nas mídias digitais como estes que temos vivenciado. Já para outras pessoas, *falar de si* requer uma determinada disciplina, lirismo na escrita e na narrativa, *edição* textual para selecionar e destacar fatos da vida, obedecendo ou não um rigor cronológico, sem deixar de trazer à luz algum elemento de maior relevância ou acontecimento que se queira perpetuar pela história, como forma de preservar ou alimentar a memória.

Por meio da escrita pessoal fragmentada, também encontramos rastros e vestígios de uma vida que pode ser recuperada em alguma circunstância por fins biográficos e autobiográficos, apesar de a memória ser falível e capaz de nos trair. No diário datado, tenta-se contar e narrar uma história linear (do início ao fim), mas nada impede que se escrevam confissões e lembranças fora de ordem, de trás para frente, ou de modo randômico, embaralhado. O mesmo pode ocorrer em um livro e até em uma rede social digital. No entanto verificamos que a biografia e a cinebiografia de Elis Regina obedecem a um ritmo linear e cronológico. Isto costuma facilitar e agradar ao leitor e ao espectador com a fórmula *começo-meio-fim*. Em algum momento, cessa a escrita sobre a própria existência, independentemente do suporte onde se escreve. Nem sempre isto significa o fim. Philippe Lejeune se mostra otimista e categórico ao comentar sobre a escrita pessoal em diário, além da expectativa de longevidade da obra e da vida registradas:

Mas, na maior parte dos verdadeiros diários íntimos, as pessoas sobrevivem, a morte não vem pôr um ponto final e *assinar* aquele que se torna um livro trágico. O que fazer, então, para recuperar a própria vida? Isso pertence obviamente à categoria do *ilegível...se o adulto: a)*





abandona, mas encontra mais tarde os seus manuscritos; b) continua ao longo de toda a vida essa atividade demente. (LEJEUNE, 2007, p. 286)

A curiosidade por escritos íntimos costuma mover leitores de todos os tipos. Obviamente, o diário íntimo não se trata da mesma coisa que a página inscrita em um sítio de relacionamento virtual. O Facebook foi fabricado para a exposição direta e pública de seus usuários. Geralmente, eles concordam em se expor desta maneira. O diarista, no entanto, também se expõe quando escreve suas rotinas e opiniões, em anotações de agendas, cadernos e cadernetas. Cedo ou tarde, sabe que poderá ser lido quando a existência do próprio diário for descoberta. Ninguém escreve para não ser lido. Alguns escrevem para si mesmos (o que não seria pouca coisa) para lerem ou rerelem em algum momento.

Quase sempre uma vida é feita de acontecimentos dramáticos ou sofridos, mas também de conquistas, superação, heroísmo, romantismo, posicionamentos políticos e religiosos, momentos cômicos ou aventureiros. Transformar a vida em diário, biografia ou autobiografia, contá-la em livros, filmes, textos poéticos ou teatrais nem todos conseguem ou querem isto. Todavia percebe-se que, no momento atual do *self show* por meio de mídias digitais, o exibicionismo feito com auxílio de fotos e vídeos, pelo menos algum tipo de escrita, costuma também aparecer. Boa parte desses registros contém frases e expressões comuns ou superficiais, sem maiores preocupações com a língua, grafia ou estética. Estes atos também são utilizados e identificados desde os diários manuscritos. O conteúdo textual pode ficar acondicionado em cadernos escritos à mão, em pastas ou arquivos de computadores, mas também pode ser exposto ao público em redes sociais. Algo que tornou comum entre bilhões de usuários dos *sites* de relacionamentos.

Em 2011, o ator brasileiro Reynaldo Gianecchini contraiu um câncer no sistema linfático. A notícia repercutiu bastante em todos veículos de comunicação de massa. O ator possui mais de 3,5 milhões de seguidores<sup>3</sup> no Facebook, além de fazer parte de outras redes sociais. Naquele momento da doença, alguns fatos foram registrados em postagens nessas redes realizados pelo próprio ator ou por sua assessoria à época. Em determinado momento, Gianecchini preferiu se recolher e pediu privacidade aos fãs e à imprensa. O pedido também ocorreu via mídias digitais e foi noticiado por outros órgãos de comunicação. O ator conseguiu vencer o câncer e voltou às suas atividades cerca de um ano depois de iniciar o tratamento. Este assunto pode ser encontrado em diversas publicações na rede Facebook, recuperáveis por leitores com acesso à linha do tempo da página virtual do ator e em toda a Internet. Pode-se identificar ainda nas milhões de páginas dos seguidores de Gianecchini alguma menção sobre o drama vivido por ele, desde a descoberta da doença ao restabelecimento.

No ano seguinte ao fato ocorrido com Reynaldo Gianecchini, o escritor Guilherme Fiuza lançou a biografia *Giane – vida, arte e luta* (2012). Fiuza conta na obra que a produção do livro foi feita em tempo recorde, com 50 horas de entrevistas gravadas com atores, diretores, autores, médicos, familiares, amigos e outros. Uma pesquisa jornalística e documental cobriu quatro décadas de vida do ator. Desse total de depoimentos recolhidos, sete horas de entrevista sem interrupção foram dispensadas com o protagonista da trama, Gianecchini. Praticamente todo o texto do livro é narrado por Fiuza em terceira pessoa. A obra possui poucos diálogos ou falas de depoentes destacadas entre aspas em primeira pessoa. Ao fim da publicação, Fiuza menciona uma conversa entre o ator e sua empresária chamada Márcia, sobre um contrato que previa exclusividade às Organizações Globo, caso a obra fosse cedida e adaptada para o cinema:

---

<sup>3</sup> Dados fornecidos na página do Facebook



Eu nem sei se minha história dá um livro. Direitos pra filme? Isso não faz o menor sentido... Giane repensou: - É, até que faz sentido. Eu vou morrer um dia, e o livro fica, né? Marcia concordou que os livros permanecem. Sobre a perspectiva de que ele ia morrer um dia, ela não disse nada. Mas tinha sérias dúvidas. (FIUZA, 2012, p.272)

O autor da biografia do famoso ator de telenovelas, teatro e cinema revela, no prólogo do livro, a admiração que passou a ter pelo personagem retratado, desde que esteve com ele durante as sete horas de entrevistas. Fiuza diz que conseguiu refletir sobre a condição humana e os limites da existência ao ouvir tantas histórias contadas pelo protagonista e pelas pessoas de seu convívio para a feitura do texto biográfico. De acordo com Bakhtin, “o valor biográfico é, entre todos os valores artísticos, o menos transcendente à autoconsciência; por isso o autor, na biografia, como em nenhum outro lugar, situa-se muito próximo de seu herói:

Eles parecem ser intercambiáveis nos lugares que ocupam respectivamente e é pior por esta razão que é possível a coincidência de pessoas entre o herói e o autor (fora dos limites do todo artístico). O valor biográfico pode ser o princípio organizador da narrativa que conta a vida do outro, mas também pode ser o princípio organizador do que eu mesmo tiver vivido, da narrativa que conta a minha própria vida, e pode dar forma à consciência, à visão, ao discurso, que terei sobre minha própria vida. (BAKHTIN, 1992, p.166)

É possível observar, nas biografias de Elis Regina e Reynaldo Gianecchini, independentemente do *status* de celebridade que os biografados obtêm, que os textos dos autores se valem de técnicas do romance, do clímax, das tensões, dos conflitos que envolvem a figura do herói da narrativa literária tradicional. O mesmo ritmo e formato aparecem na história de Ben Mezrich ao contar a saga de Mark Zuckeberg quando criou o Facebook. Eles estão no centro de todas as atenções, tensões, aventuras e desventuras, assim como qualquer herói da Antiguidade ou algum personagem de Homero, por exemplo. As características e a personalidade do protagonista-herói-biografado despertarão a atenção de leitores que poderão se identificar ou não com o personagem-herói de um romance ou de uma publicação biográfica ou autobiográfica.

Cada autor dispõe de diferentes métodos para a execução de uma biografia. A entrevista é uma das práticas mais comuns. O biógrafo pode optar em narrar o texto em terceira pessoa ou, simplesmente, transcrever a fala do biografado que conta sua história em primeira pessoa. É o caso do livro *O bispo: a história revelada* de Edir Macedo (2007), de Douglas Tavolaro, que mescla os dois tipos de vozes. O autor apresenta o seu protagonista em 270 páginas, distribuídas em dez capítulos. Cada um deles destaca fatos relevantes e características marcantes do biografado com os seguintes títulos: o prisioneiro, o filho, o indignado, o amante, o pregador, o articulador, o acusado, o polemista e o comandante.

Não se pode afirmar que o livro de Tavolaro tenha sido encomendado para ser utilizado como uma espécie de culto à personalidade do famoso empresário e líder religioso da Igreja Universal do Reino de Deus. Entretanto enaltecer a própria imagem não é uma das marcas e possibilidades que cercam a autobiografia ou a biografia? A publicação pode ter servido ainda como instrumento de ampla defesa, pois havia uma série de acusações e suspeitas de crimes fiscais e charlatanismo envolvendo o bispo. Além de biográfico, o livro também pode ser documento para a posteridade. Em sua página oficial no Facebook com mais de dois milhões de seguidores, o bispo Edir Macedo costuma postar mensagens religiosas, fotos e vídeos com o mesmo tema, além de *links* que funcionam como hipertextos.



Na coluna “Sobre” do Facebook, onde o usuário pode escrever acerca de si mesmo ou apresentar sua biografia na rede, o perfil de Macedo<sup>4</sup> assim é exibido:

O fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, bispo Edir Macedo, nasceu em Rio das Flores, interior do Rio de Janeiro. Em 1963, iniciou a carreira no funcionalismo público: tornou-se Chefe de Tesouraria na Loteria do Estado do Rio de Janeiro, a Loterj, e trabalhou no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, como pesquisador no censo econômico de 1970. Chegou a completar 16 anos de carreira como funcionário público. Deixou o cargo para se dedicar à Obra de Deus, o que na época foi considerado por algumas pessoas uma loucura. Casado com Ester Bezerra, com quem teve duas filhas, Cristiane, Viviane e Moises, filho adotivo. Edir Macedo sempre faz questão de falar sobre o apoio de sua esposa. Ele diz que a mulher desempenha um papel importante na família. Ela educa os filhos para serem homens de fé, cuida do marido, da casa, enfim, vive um dia-a-dia agitado. Porém, o diferencial da mulher de Deus é que ela faz tudo com a direção do Senhor. Ele tem uma vasta formação acadêmica: é graduado em Teologia, pela Faculdade Evangélica de Teologia "Seminário Unido", e pela Faculdade de Educação Teológica no Estado de São Paulo (Fatebom). Fez doutorado em Teologia, Filosofia Cristã e Honoris Causa em Divindade, além do mestrado em Ciências Teológicas na Federación Evangélica Española de Entidades Religiosas "F.E.E.D.E.R" (MADRID, ESPAÑA). Como escritor evangélico, Edir Macedo se destaca com mais de 100 milhões de livros vendidos, divididos em dezenas de títulos, sobressaindo-se os best-sellers "Orixás, caboclos e guias" e "Nos Passos de Jesus". Ambos atingiram a marca de mais de três milhões de exemplares vendidos no Brasil. Sua autobiografia "Nada a Perder" ganhou 3 volumes ao todo. A primeira edição vendeu mais de 1 milhão de exemplares em 5 meses e foi o título mais vendido no Brasil em 2012. Nessa edição Edir conta como a prisão influenciou sua vida. A sua continuação o "Nada a Perder 2 - Meus Desafios Diante do Impossível" foi lançado em agosto de 2013 e também ficou na lista de livros mais vendidos do Brasil no ano. O terceiro e último volume, "Nada a Perder 3" foi lançado em outubro de 2014. (FACEBOOK, 2017)

A referência biográfica do bispo Macedo na rede social e de qualquer usuário do Facebook funciona como uma espécie de *ficha cadastral* ou *dados de arquivos*, típicos dos utilizados por instituições de ensino e companhias empresariais. Ou ainda, lembram as informações costumeiras fornecidas em *curriculum vitae*, sem nenhuma preocupação com narrativa literária ou opção por texto lírico na apresentação (embora nada impeça de que alguém se posicione desta maneira ao querer escrevê-la).

São as postagens feitas pelos usuários da rede social que podem oferecer alguma chance de narrativa, confissões e memórias expressas via textos, imagens ou áudios, além de supostos conteúdos literários. Estas publicações são capazes de atualizar a (auto)biografia de alguém que escreve em redes sociais digitais e blogs. Seus autores, conseqüentemente, tentam atrair o maior número de pessoas interessadas em lê-las.

Por serem um tipo de *diaristas* e não escritores profissionais, muitos internautas não se preocupam com escrita apurada ou refinada na rede, nem se prendem às regras gramaticais. A linguagem identificada como *internetês*<sup>5</sup> costuma prevalecer em muitas ocasiões. As atividades de registros em redes sociais podem conter alguma semelhança com aquelas exercidas por alguém que preenche diários pessoais manuscritos ou computadorizados. A

4 Disponível em < [https://www.facebook.com/pg/BispoMacedo/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/BispoMacedo/about/?ref=page_internal) > acessado em março de 2017

5 Internetês é um neologismo (de: *Internet* + sufixo *ês*) que designa a linguagem utilizada no meio virtual, em que "as palavras foram abreviadas até o ponto de se transformarem em uma única expressão, duas ou no máximo cinco letras", onde há "um desmoronamento da pontuação e da acentuação", pelo uso da fonética em detrimento da etimologia, com uso restrito de caracteres e desrespeito às normas gramaticais. Disponível em < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Internet%C3%AAs> >





diferença dos diários “secretos” para as redes sociais pode estar no adiamento da revelação daqueles em relação a este.

Em redes como o Facebook, exibir e compartilhar informações o quanto antes é quase urgente para vários usuários. O objetivo é tornar conhecido qualquer assunto que seja relevante para um membro da comunidade que se expõe. Ele deseja ser lido e visto pelos integrantes da rede, aparentemente sem restrições. Já isto não ocorre facilmente com quem tem hábito de escrever solitariamente em diários íntimos, sem intenção imediata de revelar seus escritos e particularidades. Em *Blog: comunicação e escrita íntima na internet* (2004), a pesquisadora Denise Schittine afirma que, “ao contrário do que se pensa, a exposição na internet não anula a possibilidade de se criar um segredo, mas estabelece novas formas de compartilhá-lo. E, quando ele é guardado, o seu caráter secreto tem um valor maior porque se torna um fato de conhecimento público” (pp.19-20). Nota-se, portanto, na observação de Schittine, algo que se aproxima do pacto autobiográfico de Lejeune, mas sobretudo da cumplicidade que se tem ente autor e leitor. Em Bakhtin, percebemos ainda considerações acerca do outro, deste que escreve sobre si e lida com memórias compartilhadas com o leitor interessado em conteúdo de vida alheia:

Esse outro que exerce seu domínio sobre mim não entra em conflito com meu *eu-para-mim*, uma vez que, no plano dos valores, continuo a ser solidário com o mundo dos outros, uma vez que me percebo dentro de uma coletividade – de minha família, de meu país, da cultura universal; a posição de valor do outro tem *autoridade* sobre mim, ele pode conduzir a narrativa da minha própria vida e estarei interiormente de pleno acordo com ele. Enquanto minha vida participa dos valores que compartilho com os outros, está inserida num mundo que compartilho com os outros, essa vida é pensada, estruturada, organizada no plano da possível consciência que o outro terá dela, percebida e estruturada como a possível narrativa que o outro poderia fazer dela dirigida a outros (descendentes); a consciência do possível narrador e o contexto de valores desse narrador organizarão meu ato, meu pensamento e meu sentimento quando estes participarem do mundo dos outros; cada um dos aspectos da minha vida poderá ser percebido no todo da narrativa (da história relatada dessa vida, e que pode encontrar-se em todas as bocas); a contemplação da minha própria vida não é mais que a antecipação da recordação que essa vida deixará na memória dos outros – dos meus descendentes, da minha família, ou simplesmente dos meus próximos (a amplitude do caráter biográfico de uma vida é variável); valores idênticos presidirão à organização da vida e à organização da recordação (BAKHTIN, 1992, pp.167-168)

## 2. Considerações finais

Inspirado nos conceitos de Bakhtin acerca da biografia e autobiografia, além das observações sobre manuscritos, as anotações particulares, o diário íntimo que foi estudado por Lejeune, as biografias e autobiografias que abrigam registros de existência, fatos e memórias; todos são suportes materiais reconhecidos para a verificação de algum período da história pessoal ou da humanidade. Com a Internet, o acesso a tantas informações se tornou mais rápido, principalmente quando se busca levantar dados pessoais a respeito de alguém. As redes sociais digitais como o Facebook proporcionam diferentes leituras sobre os textos e hipertextos produzidos e consumidos por aqueles que se associam e este tipo de comunidade virtual. Aparentemente fluidos, descartáveis e movidos pela velocidade, os relatos pessoais fragmentados têm deixado pelo menos algumas impressões por onde passam. Parte dessa escrita em redes sociais pode não ter valor nenhum, mas, por outro lado, há que se verificar até onde a palavra é capaz de afetar alguém que se permite ler e escrever. Apesar de ser em outro contexto, Lejeune diz que “em literatura, não existem elementos fixos...” (2008, p.80). Desloquemo-nos, pois a rede é vasta de conexões, questionamentos e ideias.



## Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

DELGADO, Caroline. *À procura da própria coisa: a autoficção em Um Sopro de Vida de Clarice Lispector*. 2015. 96f. Dissertação. Universidade Estadual do Norte Fluminense. Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, 2015.

ECHEVERRIA, Regina. *Furacão Elis*. Rio de Janeiro: Nórdica, Círculo do Livro, 1985.

FIUZA, Guilherme. *Giane: vida, arte e luta*. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2008

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

TAVOLARO, Douglas. *O bispo: a história revelada de Edir Macedo*. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.